

**O MINISTÉRIO
ADVENTISTA**

AGORA É O TEMPO

1977
Dispersão
Penetração
Explosão

Divisão Sul Americana

(DSA 76-302) PLANO VOTADO PELA DIVISÃO SUL-AMERICANA E RECOMENDADO AS UNIÕES

Considerando que o plano decenal revelou que "ainda muitíssima terra ficou para se possuir" (Josué 13:1, 1:3; Malaquias 1:5, ú.p.) na América do Sul por parte da mensagem adventista, representada por centenas de cidades e vilas ainda não advertidas, e que é necessário que seja feito um grande esforço com o objetivo de conquistá-las, foi

RESOLVIDO: 1. Que a Igreja Sul-Americana aceite o desafio que apresentam as áreas ainda obscuras, declarando a 1977 como o ANO DA PENETRAÇÃO em toda a Divisão, entendendo-se por isso a conquista de novos territórios com a mensagem.

2. Continuar com o lema AGORA É O TEMPO, relacionando-o com três palavras que indicam:

- a) O meio de alcançar nosso objetivo: DISPERSÃO
- b) Nosso objetivo: PENETRAÇÃO
- c) O resultado que desejamos alcançar: EXPLOSÃO

3. Que a Divisão, as Uniões, os Campos e as Igrejas, ao programarem suas atividades evangelísticas para 1977, dêem prioridade a bairros e vilas, bem como a cidades, onde ainda não tenha penetrado a obra adventista.

a) Por atividades evangelísticas queremos designar o evangelismo público, pastoral e leigo, levado a cabo por pastores, obreiros, igrejas e instituições.

b) Sendo que este plano demanda a inversão de recursos financeiros e humanos, que a Divisão, as Uniões, os Campos e as Igrejas, ao prepararem seus respectivos orçamentos para 1977, considerem como prioritário o PLANO PENETRAÇÃO 77, em novos territórios, tanto no que diz respeito aos gastos da campanha, como no que se relaciona com a habilitação de um lugar permanente de culto.

4. Que profissionais e trabalhadores especializados, de acordo com suas respectivas realidades pessoais, sejam orientados e animados a mudar-se para novos territórios, a fim de estabelecer novos núcleos adventistas.

5. Que a Comissão Administrativa, ou a Comissão de Evangelização na Divisão, Uniões, Campos e Igrejas, se reúna trimestralmente com o objetivo de avaliar regularmente a marcha e o progresso do Plano Penetração 77.

6. Que cada Departamento da Divisão apresente às Uniões planos específicos de acordo com o Plano Penetração 77, com o entendimento de que cada União porá em execução os que mais se adaptem a sua necessidade e realidade local.

7. Buscar o poder celestial que capacitará a igreja no cumprimento de seu dever, através de uma experiência de BIBLIAS ABERTAS, em cada núcleo adventista sul-americano.



Ano 43 Jan.-Fev. 1977 N.º 1

GERENTE GERAL

BERNARDO E.
SCHUENEMANN

REDATOR-CHEFE

CARLOS A. TREZZA

REDATOR

NAOR G. CONRADO

DIRETOR

ARTHUR S. VALLE

COLABORADOR ESPECIAL

RUBÉN PEREYRA

COLABORADORES

ENOCH DE OLIVEIRA,
JOSÉ C. BESSA,
ROLF BELZ

DEPTO. DE ARTE

HENRIQUE C. KAERCHER

DIAGRAMAÇÃO

FRANCISCO MARQUES
ERLO KOHLER

Assinatura Anual

Cr\$ 48,00

US\$ 6,00

Número Avulso

Cr\$ 8,00

US\$ 1,00

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

— Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Santo André, São Paulo.

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

Penetração 77

2

De Coração a Coração

Jonas Mudou de Rumo

4

Evangelismo

Entrevistando um Evangelista

6

“Ide” ou “Vamos”?

9

Artigos Gerais

Um Enfoque da Forma de Ensinar o que é a Igreja Católica Segundo as Escrituras Sagradas

10

Seita ou Igreja: O Adventismo Poderá Conservar Sua Imagem de Distingção?

14

O Lar do Pastor

Cortesia no Lar

16

Faculdades de Teologia

“Novo Evangelismo” Recente e o Colégio Adventista do Rio da Prata

19

Notas Breves

24

O Pastor

Os Dez Mandamentos do Obreiro

24

TODO ARTIGO ou qualquer correspondência para a revista **O MINISTÉRIO ADVENTISTA**, devem ser enviados para o seguinte endereço:

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

Caixa Postal, 07-1042

70000 - BRASÍLIA — DF.

Jonas Mudou de Rumo



“Este é um monumento ao passado” disse um dos obreiros que assistia a um concílio ministerial, referindo-se ao lugar em que se realizavam as reuniões. Era um belo colégio, com internato, pertencente a uma organização evangélica, ao que parece fechado definitivamente. Belos edifícios, lindas instalações, mas tudo morto!

Durante alguns dias aquela instituição se encheu de vida, entusiasmo e agitação, com a presença do corpo de ministros adventistas reunidos num concílio, enquanto se preparava uma campanha evangélica na cidade. Ao saírem eles, outra vez reinou o silêncio.

Por que morreu essa bela instituição? Por que morreram outras instituições da mesma organização, que no passado eram contempladas com respeito e admiração? Por que aquela igreja está dividida e subdividida numa região que outrora foi seu baluarte?

Fizemos estas perguntas a um ministro dessa igreja, que durante algumas horas nos acompanhou na viagem, quando deixamos a cidade. Turbou-se a expressão de seu rosto. Permaneceu em silêncio por longo tempo, parecendo estar submerso em profunda depressão. “O secularismo entrou na igreja”, respondeu. “A igreja perdeu sua vitalidade, errou o rumo. Agora se desintegra pouco a pouco”. Aquela igreja perdeu sua urgência evangelizadora.

A história se repete uma vez após a outra. O cristianismo primitivo perdeu seu zelo evangelizador e dormiu durante séculos. O luteranismo teve sua época pentecostal, mas logo adormeceu. O movimen-

to metodista, com os Wesleys e Whitefield à frente, cresceu rapidamente porque sua preocupação era evangelizar. Quando o interesse passou para outros setores menos importantes, o movimento se debilitou.

Para onde avança a Igreja Adventista? Olhamos para algumas áreas de atividade e nos inunda o otimismo; olhamos para outras, e nos ameaça o pessimismo. Há tendências que alegrem, e tendências que perturbam. Quais triunfarão?

A computação e os técnicos em administração de empresas invadiram as tesourarias. Isto modernizará e agilitará algumas estruturas. Somos gratos pela ajuda que ambos esses elementos estão prestando e continuarão prestando à terminação da obra.

Vemos novos elementos inteiramente dedicados à conquista de almas e novas tendas sendo levantadas em todos os rincões da América do Sul. Vemos o fervor de entrar em áreas até agora obscuras para a mensagem. Ao ver tudo isto, dizemos: Graças a Deus!

Mas a igreja não pode recuar em seu empenho de manter afastadas as tendências negativas: Preocupar-se mais com o capital operativo do que com as almas; com a maquinaria, do que com a consagração; com os empregados, do que com os ministros; com a empresa, do que com o povo de Deus. Perder estas batalhas equivaleria a ver no futuro uma igreja anciloadada, mumificada, desprovida de poder.

Uma carta de um presidente de União, recebida recentemente, comenta o seguinte fato: "Em 1964 tínhamos nesta União um obreiro na obra evangélica pastoral para cada 280 membros de igreja. Dez anos mais tarde, em 1974, essa cifra se elevou a 600 e poucos membros para cada obreiro evangélico. Isso indica que antes dedicávamos mais dinheiro a pagar salários e ter obreiros que alimentavam e visitavam a irmandade, ao passo que agora o diversificam tanto em planos, métodos e outros assuntos, que não temos obreiros para curar os quebrantados e alimentar os famintos".

Examinando as estatísticas gerais da DSA no mesmo período de 1964-1974, encontramos os seguintes dados curiosos e alarmantes: Enquanto o número de membros aumentou 136% e os batismos 96%, o número de pastores ordenados na linha ministerial subiu apenas 36%, o de obreiros com licença ministerial uns 3%, e o das instrutoras bíblicas baixou uns 8%. Na linha não ministerial, os possuidores de licença missionária aumentaram em 99%, os com credencial missionária em 128%, e "outros obreiros" em 363%.

Para onde vamos? Se persistir essa tendência, o futuro é bastante desalentador e seguiremos o caminho de outras organizações que perderam a visão missionária.

Mas ainda estamos em tempo de reagir.

RUBÉN
PEREYRA

Rubén Pereyra,
Diretor da
Associação
Ministerial da
DSA

A mensagem é urgente. Ainda muitíssima terra ficou para se possuir (Josué 13:1), e o Senhor promete que nos dará a terra ainda não possuída, contanto que ponhamos nela a planta de nossos pés (Josué 1:3).

Por esta razão fazemos um veemente apelo às administrações e aos obreiros de todo o continente, para uma ação diferente no período que temos à frente. 1977 está por ser conquistado. Que poderemos fazer para avançar até Nínive e não dirigir nossa nave para Társis?

Sugestões:

a) Que os campos destinem mais e mais de seus fundos às tarefas de evangelização pública intensiva, especialmente em regiões ainda não penetradas.

b) Que apoiemos e estimulemos os obreiros que tenham interesse ou capacidade para essas tarefas, a fim de que se tornem poderosos evangelistas.

c) Que nos mobilizemos todos como um só homem nas campanhas da Semana Santa e da Primavera, durante 1977, dedicando-lhes as melhores energias da igreja.

d) Que se continue com a campanha de levantar e equipar tendas para evangelização por parte de igrejas, instituições e campos, para penetrar em novas regiões.

e) Construir mais e mais templos e capelas para abrigar os milhares de pessoas que devem conhecer a verdade.

f) Que através de nossas publicações se mantenha a igreja informada das vitórias alcançadas em áreas obscuras ganhas para a verdade.

g) Que as forças leigas sejam inspiradas, adestradas e organizadas para a ação evangélica.

h) Que por meio da oração, do estudo da Palavra de Deus e de tais livros como *Evangelismo*, *Serviço Cristão* e *Obreiros Evangélicos*, cultivemos o amor e a paixão pelas almas, para que isso impregne tudo o que somos, temos e fazemos como igreja.

Estimado irmão presidente, qual é o rumo que sua administração está conferindo à obra em seu Campo ou União? Estimado Pastor, para onde está dirigindo sua igreja?

Jonas fugiu com a mensagem para Társis. Mas não chegou ali porque o Senhor interveio a tempo. Foi necessário que houvesse uma tormenta, a angustiada experiência de um naufrago, um arrependimento sincero, uma oração de fé, um milagre, e depois uma pregação vibrante para que Nínive ouvisse a mensagem. Não fuja para Társis das tarefas mais fáceis. Podemos evitar a tormenta enfrentando a Nínive da oposição ou da indiferença, da luta intensa, pregando a verdade com fervor e convicção. Somente assim os pecadores serão admoestados e terão a oportunidade da salvação. Leitor, mudará de rumo, se estás indo em direção equivocada? ■

Entrevistando um Evangelista

O Pastor K. S. Wiggins é um insigne evangelista que desempenha a função de Secretário Ministerial da União do Caribe. É um homem jovem, muito dinâmico e com tremenda paixão pelas almas. Tem um sólido preparo teológico e em psicologia. Seus métodos são deveras originais e pensamos que será de grande interesse para os leitores conhecer o segredo que tem feito com que este homem seja o obreiro que tem ganho mais almas no mundo, por vários anos. O Secretário Ministerial da Divisão Interamericana, Pastor Carlos Aeschlimann, lhe fez a seguinte entrevista:

PERGUNTA: Onde efetuou campanhas de importância nos últimos três anos e quais foram os resultados?

RESPOSTA: Durante os últimos três anos efetuei campanhas de maior alcance em Santo Tomás, Ilhas Virgens; São Jorge, Grenada, Índias Ocidentais; e Georgetown, Guiana, América do Sul. Os resultados foram respectivamente 309, 431 e 357 pessoas batizadas.

PERGUNTA: Poderia explicar sucintamente quais são seus métodos?

RESPOSTA: Meus métodos se baseiam na crença de que a conquista de almas implica a cooperação entre o humano e o divino. A Sra. White disse em *Patriarcas e Profetas*, p. 538, que "o segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano". Também declara em *Testemunhos Seletos*, vol. 1, p. 453, que "para conduzir almas a Jesus é preciso . . . estudar a mente dos homens".

Meus métodos se baseiam nos seguintes princípios:

- a) Descobrir conversos em potencial.
- b) Conquistar sua confiança.
- c) Levá-los a aceitar a Cristo como seu Senhor e Salvador.
- d) Introduzi-los no seio da igreja mediante uma série de decisões cuidadosamente elaboradas.

Em termos práticos, isto significa o seguinte:

a) Dar aos leigos certas instruções para que aprendam a descobrir os conversos em potencial e fazer com que assistam às reuniões.

b) Conquistar a confiança do público demonstrando compreensão de suas necessidades e problemas; proporcionando-lhes as respostas a suas interrogações e necessidades mais importantes. Desde o princípio as conferências se baseiam na Bíblia, mas procuram resolver os problemas baseando-se em situações humanas.

c) Fazer apelos todas as noites, para ajudá-los a decidir-se a aceitar a Cristo como seu Senhor e Salvador.

d) Apresentar as verdades fundamentais mais em forma psicológica que lógica. Na disposição e apresentação dos assuntos aproveite o papel que desempenha a ansiedade, a sugestão, as referências em conjunto, a inconsistência cognoscitiva, o *sleepers effect* e os compromissos anteriores.

e) Meus métodos para conseguir decisões têm sido comprovados a fim de obter o máximo de eficiência.

PERGUNTA: Como prepara o território para as campanhas de evangelização?

RESPOSTA: A preparação do território começa seis semanas antes do início das conferências. Por experiência própria aprendi que os melhores resultados são obtidos quando a campanha começa seis semanas após o início da preparação. Uso uma série de lições especialmente preparadas com esta finalidade, e os leigos as levam aos conversos em potencial. As lições nunca são recolhidas, e, sim, corrigidas nas casas das pessoas.

PERGUNTA: Quais os métodos de publicidade que usa?

RESPOSTA: Envio um convite estilo casamento, um ingresso e um volante que anuncia as conferências a duas classes de pessoas:

a) Aos que estão estudando algum curso bíblico.

b) Àqueles cujos nomes foram entregues pelos membros da igreja.

Estas são as pessoas que os membros da igreja querem ver batizadas. Além disso, os membros distribuem volantes no dia anterior ao início das conferências, nos arredores do lugar escolhido para elas. Também uso cartazes e entrevistas pelo rádio e a televisão.

PERGUNTA: Em que salões e lugares prefere realizar as conferências?

RESPOSTA: Gosto mais de trabalhar em lugares onde tradicionalmente é difícil ganhar almas, e prefiro o edifício da igreja, embora também tenha usado com êxito as tendas.

PERGUNTA: Quanto tempo duram as conferências e quantas vezes por semana costuma pregar?

RESPOSTA: Nas campanhas de mais envergadura emprego sete semanas, e costumo pregar em cinco noites por semana. Depois dedico três semanas à colheita dos frutos e prego todas as noites.

PERGUNTA: Como organiza seus auxiliares?

RESPOSTA: Geralmente os organizo em pares. A visitação é realizada principalmente com o fim de trabalhar com as pessoas que não estão fazendo muito progresso nas reuniões.

Meus métodos se baseiam na crença de que a conquista de almas implica a cooperação entre o humano e o divino.

PERGUNTA: Que parte desempenham os leigos em suas campanhas?

RESPOSTA: Os leigos preparam o território, ajudam a transportar os interessados enquanto dura a campanha, trabalham como acomodadores, são responsáveis pela música e os grupos de oração, e ajudam em outras comissões que se relacionam com a campanha.

PERGUNTA: Que características principais têm suas pregações?

RESPOSTA: Meus sermões procuram identificar a necessidade, mostrar a Jesus ou outros aspectos da verdade como solução dessa necessidade, e incitar as pessoas a agir em conformidade com isso. Cada conferência requer algum tipo de decisão. Enfoco meus sermões a baixa pressão e utilizo muitas sugestões indiretas.

PERGUNTA: Que métodos usa para conseguir decisões?

RESPOSTA: Utilizo a poderosa técnica de "forçar a entrada" para conseguir decisões. Primeiro uso decisões de pouca envergadura, que depois vão avançando. Também uso uma variedade de métodos para conseguir decisões: levantar as mãos, chamados ao altar, cartões para marcar, reunir as pessoas noutro salão e preencher formulários que contêm muitas perguntas, além das perguntas que envolvem decisão. Algumas dessas folhas são orientadas de molde a fortalecer as decisões, outras me ajudam



a avaliar a sua consistência. Uma vez anunciada a data do primeiro batismo, faço apelos para unir-se à igreja todas as noites. Às vezes faço dois apelos numa só noite.

PERGUNTA: Que parte desempenha em suas campanhas o trabalho pessoal com estudos bíblicos?

RESPOSTA: Não uso o método de dar estudos bíblicos pessoais durante as campanhas, mas utilizo uma série de lições especialmente preparadas. As pessoas levam as lições para casa, preenchem-nas com a ajuda da Bíblia e trazem-nas de volta na noite seguinte para classificá-las. As lições são preparadas para doutriná-los a tomar decisões.

PERGUNTA: Costuma pregar num só lugar ou usa o método de efetuar reuniões em mais de um lugar nas campanhas principais?

RESPOSTA: Meu plano é celebrar as reuniões num só lugar.

PERGUNTA: Que espécie de relações públicas emprega durante as campanhas?

RESPOSTA: Faço preleções nas escolas, tomo parte em entrevistas de caráter secular pelo rádio e a televisão. Também convido o prefeito e outras personalidades da comunidade a estar presentes na abertura e no encerramento.

PERGUNTA: Até que ponto se preparam os candidatos ao batismo em suas conferências?

RESPOSTA: Cada candidato participa de uma classe batismal durante a campanha, e no dia do batismo assiste a uma classe em que são recapituladas todas as doutrinas e normas cristãs fundamentais. O candidato deve ser capaz de responder afirmativamente a cada ponto apresentado.

PERGUNTA: Quanto custam suas campanhas?

RESPOSTA: O custo varia de acordo com a localidade e o que custa formar e manter a equipe de auxiliares.

O segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano.

PERGUNTA: Quer acrescentar algum comentário?

RESPOSTA: Sim. Opino que o melhor resultado de uma campanha se obtém quando ela é efetuada em combinação com uma escola de evangelização, pois desta maneira recebem instruções muitos obreiros e os benefícios da campanha se estendem ao futuro. Por isso creio que as campanhas de importância não devem ser avaliadas somente com base no número de pessoas batizadas. Também creio que os melhores evangelistas devem realizar campanhas curtas em lugares tradicionalmente difíceis, para servir de animação a outros pastores que possivelmente creiam que os evangelistas preeminentes triunfam principalmente em virtude dos lugares onde realizam as campanhas e do orçamento com que contam. Finalmente, gostaria que se desperdesse maior interesse nos planos de obra posterior para os novos conversos. Isto ajudará muito a mantê-los dentro da igreja.

PERGUNTA: Tem algum conselho a dar aos evangelistas jovens?

RESPOSTA: Aconselho-os a estudarem os métodos dos evangelistas de êxito e que os sigam tão de perto como lhes seja possível em três ou quatro campanhas. Depois estariam em condições de descobrir por si mesmos os princípios básicos do êxito na conquista de almas e qual é a ênfase que melhor se adapta a sua personalidade. Também é importante que se concentrem mais em fazer o máximo que estiver ao seu alcance em favor de quem quer que assista às reuniões, sem deixar-se fascinar pelos grandes auditórios. Finalmente, aconselho-os a prestarem muita atenção a sua devoção pessoal e à compreensão prática da natureza humana. ■

MUDOU DE ENDEREÇO?

Para que não se interrompa a remessa de O MINISTÉRIO ADVENTISTA, envie o seu novo endereço à Caixa Postal 34 — 09000 - SANTO ANDRÉ — São Paulo. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

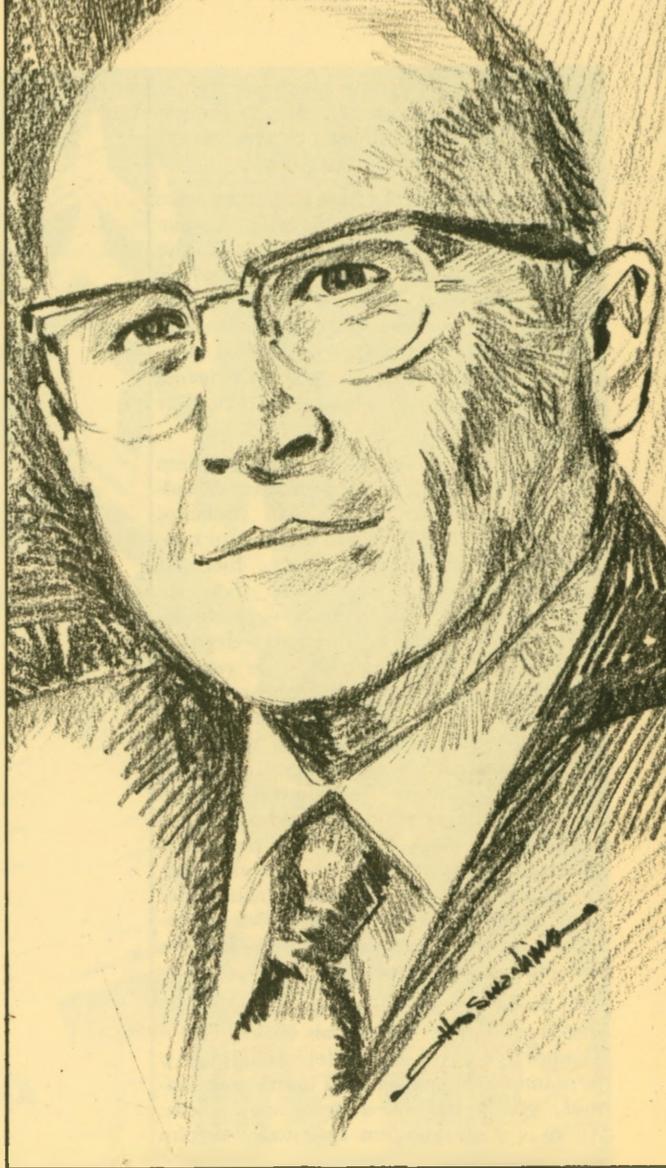
NOVO endereço

«Ide» ou «Vamos»?

Enquanto labutava na África, alguns anos atrás, visitei um forte dirigente de igreja africano. Ele era um homem que pregava de maneira a conquistar almas. Era também um homem que praticava o que pregava, e acabara de completar uma cruzada evangelística em ampla escala. Quando ele foi fazer os preparativos para as reuniões, as pessoas dessa região admiraram-se de que planejasse pregar quase todas as noites, durante seis semanas. Outros haviam procurado iniciar o trabalho nessa região, mas as pessoas não assistiam às suas reuniões depois de duas ou três noites.

Deus honrou a fé desse dirigente. O povo apareceu, não só por duas ou três noites, mas durante todas as seis semanas. Foram batizadas mais de cem pessoas. A obra estabeleceu-se nessa nova região. Não é de surpreender que hoje esse campo esteja em fogo para Deus e que um vigoroso programa de evangelização, tanto pela conquista pública como pessoal de almas, ainda se encontre em andamento ali. Os obreiros seguirão um dirigente que se lança corajosamente a uma região difícil. Dou graças a Deus porque cada vez mais dirigentes de igreja estão regulando a marcha na conquista de almas.

“Isso é na África” — dirá alguém. “O trabalho avança com facilidade ali; as pessoas aceitam de bom grado a mensagem, nessa parte de mundo!”



ROBERT H.
PIERSON

Robert H. Pierson,
Presidente da
Associação
Geral dos
Adventistas do
Sétimo Dia

Sim, isso é na África, mas tenho uma novidade para vós! A África, como o resto do mundo, está-se modificando. Com a chegada do rádio, da televisão e de outros meios de comunicação, e com a elevação do padrão de vida e a sofisticação que esta época de tecnologia avançada tem criado, a conquista de almas *não é fácil* na África. Se quereis obter resultados, precisais *pregar* — dirigir muitas campanhas evangelísticas! Eu sei, porque passei por isso! Foram batizadas na África muitos milhares de pessoas durante nosso período de serviço ali, mas era porque a bênção de Deus repousava sobre as duas ou três mil campanhas evangelísticas realizadas cada ano.

Um Enfoque da Forma de Ensinar o que é a Igreja Católica Segundo as Escrituras Sagradas

Bem sabemos que é muito importante o papel desempenhado pela Igreja Católica no concerto político e religioso mundial. Esse papel se engrandeceu muito desde a breve, embora fecunda, atuação de João XXIII (1958-1963).

A nova orientação, no tocante ao trato de católicos (principalmente dos prelados) com os chamados *acatólicos* (cristãos não católicos), tem sido um verdadeiro impacto na sensibilidade de muitíssimos protestantes e ortodoxos. O desaparecimento de termos depreciativos, como "herejes" e "cismáticos" (o primeiro aplicado aos protestantes, e o segundo aos ortodoxos), e sua substituição pela amável fórmula "irmãos separados" tem sido e é de um efeito inegável. A participação no conjunto de sacerdotes e pastores (a que soem acrescentar-se rabinos) em obras de caridade ou benefício público, tem despertado um eco de simpatia mui justificável. A celebração de reuniões religiosas em que se intercalam cantos de origem católica e hinos nitidamente protestantes, e em que se lê das Escrituras Sagradas e se elevam preces, está sendo um motivo de admiração para muitos e uma prova de boa vontade da parte dos ministros protestantes e católicos que participam nesses atos.

Há outros indícios de aproximação e confraternidade. Há sacerdotes que pregam que os sacramentos dos protestantes têm tanta validade como os administrados pelos católicos (por certo, cada um dentro de sua grei). Há pessoas (católicas) que afirmam que dá o mesmo ser católico ou protestante. Isto nos pareceria impossível há bem poucas décadas.

Um dos resultados mais notáveis da nova corrente ecumênica é a simpatia com que é encarada pelos elementos liberais que não se acham ligados a nenhuma igreja ou que têm apenas vínculos nominais com algumas delas.

Se pregarmos, veremos almas ganhas — em quase todos os países. Alguns campos são mais produtivos do que outros, mas se pregarmos obteremos resultados!

Compreendo muito bem que nem todos os dirigentes são evangelistas natos. A maioria de nós não somos Spurgeons, Moodys ou Billy Grahams, a quem foi concedido o dom especial do evangelismo. A maioria de nós somos homens ordinários, inflamados pelo Espírito Santo e pregando uma mensagem extraordinária, que podem e devem ser ganhadores de almas nas mãos de nosso Deus.

Alguns anos atrás, assumi a direção dum campo que se achava em profundas dificuldades financeiras. Quase não tínhamos dinheiro para cobrir nosso orçamento operacional, e muito menos para financiar grandes esforços evangelísticos. Isto não nos intimidou. Todos nós — pastores, obreiros de escritório, dirigentes departamentais e administradores — de repente nos tornamos evangelistas, realizando campanhas evangelísticas nas igrejas em que o campo fora preparado pelos membros. Isto demonstrou ser um evangelismo pouco dispendioso e eficaz. Batizamos mais almas do que já haviam sido batizadas naquela região. E o mais é que uma porção de pastores, dirigentes departamentais e administradores, que pensavam não poder dirigir uma campanha evangelística, descobriram que também podiam ser ganhadores de almas — e o apreciaram!

O preceito tem o seu lugar na liderança, mas o exemplo é muito mais eficaz. Dizer: "Vamos!" em vez de: "Ide!" estimulará o pensamento daqueles com quem trabalhamos, conduzindo-os a ação mais eficaz. Agora é o tempo em que todo obreiro denominacional — quer ele ou ela trabalhe num escritório, no campo, numa igreja ou numa instituição — deveria ser um fecundo ganhador de almas para Deus. Para que a obra do Senhor seja terminada em nossos dias, isto deve tornar-se uma realidade.

Se vós e eu somos realmente dirigentes evangelísticos, iremos, com a bênção de Deus, despertar aqueles com quem labutamos! Atearemos labaredas que queimem e se espalhem como fogo na palha, até que todo obreiro e membro leigo também seja inflamado para Deus.

Eu vos desafio como dirigentes da igreja de Deus em nosso mundo cambiante, emergente e explosivo a que empreendais algo para Deus *este ano*, e que por preceito e exemplo conduçais a igreja, seus membros, seu ministério e seus oficiais, ao maior programa de conquista de almas que o planeta Terra já testemunhou. ■



Como Proceder?

Diante dos novos ventos que sopram, é imprescindível que nossos ensinamentos, fruto das definições bíblicas que são claras e não admitem posições intermediárias, sejam muito bem elaborados e examinados. E não só isso. Também é necessário que saibamos apresentá-los. Essa apresentação deverá ser lógica, bem articulada, documentada, e nela deve chegar-se a conclusões que sejam irrefutáveis. Do contrário poderemos ser considerados fanáticos ou exagerados.

DR. ALCIDES
ALVA

Dr. Alcides Alva, Decano da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Montemorelos, México

No Ensino

Principalmente no ensino de Doutrinas Bíblicas e de Daniel e Apocalipse depararemos com a necessidade de ensinar o papel que desempenha a Igreja Católica à luz das doutrinas da Bíblia e de suas profecias.

O seguinte esboço servirá para dar-nos alguns fundamentos nítidos do que convém apresentarmos em vista deste delicado e importante problema.

1. É necessário salientar que são numerosas as passagens da Bíblia em que nos é apresentada a triste realidade de que em

nosso mundo, e particularmente durante a era cristã, haveria uma luta sem atenuantes entre o bem e o mal. Essa verdade básica é delineada originalmente em Gênesis 3.

É deveras notável que os próprios símbolos empregados nesse capítulo (mulher, semente da mulher e serpente) reaparecem no capítulo 12 do Apocalipse. Neste último capítulo a palavra "dragão" é equivalente de "serpente", e toda dúvida se desfaz em Apocalipse 12:9.

Cumprir notar que esta identidade de símbolos, inegável em si mesma, não é razão suficiente para definir o tema da luta entre o bem e o mal. É mister realçar o fato de que, desde o princípio do mundo, esteve em jogo o princípio eterno da OBEDIÊNCIA.

Em Gênesis 3 houve uma desobediência clara a uma ordem divina: "Não comerás". Em Apocalipse 12:17, a ira da "antiga serpente" se concentra nos "que guardam os mandamentos de Deus". O Decálogo, expressão capital de obediência a Deus, se torna proeminente.

Uma vez que se tenham estabelecido claramente estes dois fatos fundamentais: a existência da luta entre o bem e o mal, e que essa contenda se centraliza na obediência a Deus, ainda resta muito caminho a ser percorrido para ver como entra a Igreja Católica no panorama desse conflito.

2. As profecias das Escrituras Sagradas têm como propósito principal servir de elementos de ORIENTAÇÃO para que saibamos como conduzir-nos (II S. Ped. 1:19-21).

Importa realçar a importância das profecias em geral. As expressões "tocha profética" e "luz profética" são adequadas e exatas.

Diante do frontispício do primeiro volume de *The Prophetic Faith of Our Fathers*, do Dr. LeRoy E. Froom, há uma gravura muito significativa. Nela se vê uma sucessão de personagens. No fundo do quadro está Daniel, mais além de uma cruz iluminada. Deste lado da cruz estão em fila: João, Hipólito de Puerto Romano, Joaquim de Floris, Wiclef, Lutero, Knox, Newton, Wesley e um representante do mundo moderno. Na gravura, a tocha da luz profética está sendo entregue por Newton a Wesley e o homem moderno já começa a estender o braço direito para receber essa luz guiadora.

Declara a legenda desse quadro: "Esta tocha flamejante, passada através dos séculos de uma a outra mão estendida, quando é mantida no alto tem transformado a escuridão da História num caminho iluminado. Das mãos de Daniel, o profeta, e João, o vidente, a interpretação profética tem

sido transmitida a alguns homens da igreja primitiva, como Hipólito, e deles a baluarte da Idade Média, como Joaquim e Wiclef, depois a Lutero e Knox, no tempo da Reforma, Newton e Wesley, em tempos posteriores, e agora está sendo passada às mãos de homens modernos que lhe dão atenção".

Será tempo muito bem aproveitado o que se emprega fazendo notar que as explicações proféticas apresentadas pelos pregadores adventistas não são fruto de interpretações caprichosas, antojadiças e recentes. Pelo contrário, constituem a voz dos séculos (esta expressão é uma realidade que também deve ser divulgada e apreciada em todo o valor que tem). Essas explicações correspondem à forma em que as profecias foram sendo compreendidas através dos séculos, à medida que se ia "desenvolvendo o rolo da profecia". (Esta última expressão pertence a James Garfield, 1831-1881, presidente dos Estados Unidos.)

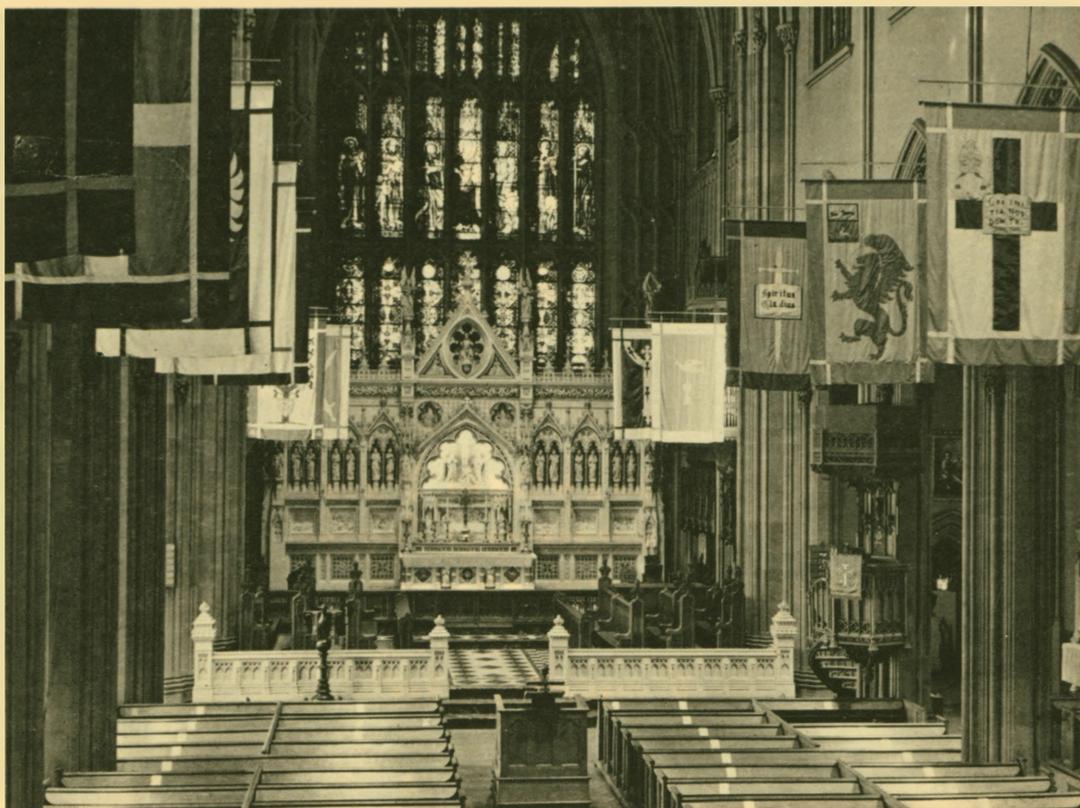
Os alunos saberão melhor por que crêem, e não correrão o risco de sentir-se diminuídos pelo sentimento de que estão seguindo doutrinas raras e caprichosas, se conhecerem algo da forma em que alguns dos personagens mais bem dotados dos séculos se ocuparam da Bíblia e suas profecias, dando-lhes com suas explicações e interpretações um delineamento coerente.

3. As profecias bíblicas não somente servem para orientar-nos, mas também devem ser obedecidas de acordo com as indicações que nos dão. (Apoc. 1:3, ú.p.)

Este princípio de situar-nos na interpretação dos acontecimentos e de responder aos requerimentos de Deus, adquire grande importância em Daniel e Apocalipse.

É de suma importância saber relacionar ambos esses livros. Uma citação valiosa a respeito é a do Mons. Dr. Juan Straubinger: "Nos 404 versículos do Apocalipse se encontram 518 citações do Antigo Testamento (evidentemente é mister acrescentar aqui: 'e alusões' porque, do contrário, não se explicam estes números), 88 das quais extraídas de Daniel. Isto mostra sobejamente que é na própria Bíblia que se há de buscar noções para a interpretação desta divina profecia" (página 357 do volume IV, que corresponde à nota introdutória ao Apocalipse).

O vínculo mais importante que se estabelece entre ambos os livros corresponde ao período de perseguição: um tempo, dois tempos e metade dum tempo, de Daniel 7:25 e 12:7. Importa levar em conta que este período (misterioso em si mesmo) não tem nenhuma explicação no livro de Daniel. Pelo contrário, permanece ali entre as coisas "encerradas e seladas até ao tempo do fim" (Daniel 12:7-9).⁶Sabe-se que corres-



ponde a 1.260 dias devido a dois versículos do Apocalipse (12:6 e 14).

A reparação do período de perseguição no Apocalipse serve para orientar-nos quanto à identidade da mulher simbólica de Apocalipse 12. Evidentemente se trata dos "santos do Altíssimo" de Daniel 7:25, pois eles são os perseguidos durante esse lapso.

Este entrelaçamento de Daniel com o Apocalipse faz-nos ver a imensa importância que têm os mandamentos de Deus nessa luta de natureza religiosa. Em Daniel 7:25, o poder perseguidor pensa em "mudar os tempos e a lei". Em Apocalipse 12:17, o poder perseguidor, movido pela ira de Satanás, investe contra "os que guardam os mandamentos de Deus".

4. A mutilação e adulteração do Decálogo é, pois, um elemento decisivo para a identificação da Igreja Católica como a entidade que se opõe a Deus (embora afirme servir ao Altíssimo).

No que diz respeito ao atentado contra o Decálogo, devem ser levados em conta alguns fatos de capital importância.

O culto das imagens, a veneração que se lhes dá, não existiram na igreja apostólica e tampouco na época imediatamente posterior aos apóstolos. Pelo contrário, dispomos do testemunho de Irineu de Lyon (morto provavelmente no ano 208), que

censurou os carpocracianos (gnósticos seguidores de Carpócrates de Alexandria) por ter imagens (*Adversus Haereses*, livro 1, cap. XXV, parágrafo 6). O sínodo de Elvira (realizado na antiga Iliberri, perto da atual Grenada, Espanha, no ano 306 ou 307) proíbe as imagens em seu cânon 36. Este sínodo contou com a presença de 43 eclesiásticos espanhóis e portugueses (como os chamaríamos hoje). Este dado foi extraído da obra de Hefele, *Conciliengeschichte* (História dos Concílios), tomo 1, p. 170.

Eusébio, o historiador eclesiástico, menciona que "os gentios" haviam confeccionado uma estátua de Cristo e da mulher curada do fluxo de sangue (*História Eclesiástica*, livro 7, capítulo 18). É um testemunho indireto porque salienta que as estátuas para representar a personagens bíblicos eram próprias dos "gentios". Também sabemos que Eusébio exortou a Constância, viúva de Licínio, a que procurasse a imagem de Cristo nas Escrituras (*The New Shaff-Herzog Religious Encyclopedia*, tomo 5, p. 453). Epifânio (310-403), bispo de Salamina, um dos pais da igreja, rasgou em pedaços uma cortina em que se havia pintado uma imagem de Cristo ou de um santo (*ibid.*).

Continua no próximo número

SEITA OU IGREJA:

O Adventismo Poderá Conservar Sua Imagem de Distinção?

Conclusão

Os Adventistas do Sétimo Dia não se ajustam à norma de mutação de movimento revolucionista para o de introversionista. E isso, em parte, porque o movimento não se iniciou como uma aproximação muito íntima de um tipo perfeito de resposta. Desde o começo, sua resposta foi multilateral, e embora não fosse uma seita conversionista, tem o movimento mostrado um curso de desenvolvimento muito mais denominacional do que muitos dos corpos separatistas que salientavam o advento como sendo seu principal ponto de separação de outros corpos do cristianismo. Várias e amplas considerações ajudam a explicar a diferença que há entre os Adventistas do Sétimo Dia e o desenvolvimento de outros corpos sectários que começaram com fortes orientações revolucionistas-adventistas.

1. Primeiro, o movimento Adventista do Sétimo Dia não surgiu como um corpo separado simplesmente como um movimento adventista, mas antes no desapontamento quanto ao advento, e depois de alguma reformulação de idéias.

2. Desde o começo, o ensino do advento era um dos vários assuntos que faziam parte da primeira carta do movimento e dos termos em que ele veio a existir. Não somente pregar o advento mas também as condições para ele tornaram-se um foco essencial de atenção, com significativos resultados para a fé e a prática.

B. WILSON

B. Wilson,
Professor de
Sociologia na
Universidade
de Oxford,
Inglaterra

3. Essas condições e a necessidade de pregar sobre elas eram validadas pela inspiração divina. Assim adquiriu o movimento, desde sua origem como organização separada, uma fonte de legitimação: não somente as Escrituras, mas também um vaso de interpretação. Assim adquiriu o movimento, desde sua origem como organização separada, uma fonte alternativa de legitimação. Assim teve o Adventismo possibilidades para outros meios de desenvolvimento além do modelo que eu venho empregando.

4. O movimento herdou e adaptou um ministério profissional a seu serviço. Esse fator determinou até onde a demanda de plena igualdade de compromisso poderia ser feita, e deu lugar ao desenvolvimento de agentes especializados num grau que seria evitado por uma posição sectária mas completa. Naturalmente é claro que no Adventismo do Sétimo Dia o ministério não fica bem na mesma relação que os outros ministérios para com os seus movimentos, mas a existência de um quadro de agentes de tempo integral foi influente elemento no possível desenvolvimento da igreja.

5. Elementos extremamente importantes para levarem o movimento a se desenvolver diferente do modelo que esbocei foram o aumento gradativo dos interesses: especialmente, o interesse nas medidas educacionais e nos requisitos dietéticos, no cuidado

médico, na liberdade religiosa e no sabatarianismo. Em alguns respeitos, certamente poderiam esses vários itens ter-se tornado mecanismos para isolar os Adventistas do Sétimo Dia de mais amplos envolvimento com a sociedade, e talvez, em alguns sentidos, o tenham feito.

O controle da provisão educacional é um expediente estratégico extremamente importante para manter os limites, visto ela operar na área mais sensível de socialização do jovem. Não sei justamente quão importante tem sido a educação na conservação da identidade dos Adventistas do Sétimo Dia, mas eu me inclinaria a crer que tem sido extremamente significativa para reforçar a solidariedade do grupo no passado. Isso assim tem permanecido enquanto um elemento muito grande da educação era essencialmente mais moral que estritamente técnico. (A tendência tem sido, em toda a educação, a moral dar lugar à técnica — sem dúvida, também, nas escolas adventistas).

6. Finalmente, o curso de desenvolvimento adventista tem sido, provavelmente, influenciado consideravelmente pela diversidade de estilos litúrgicos herdada e pela relativa liberdade para o desenvolvimento litúrgico, dentro do movimento. Não é minha parte especular as razões das diferenças litúrgicas no adventismo. Dadas as diferentes tradições das quais os adventistas vieram no começo, talvez a ênfase sobre a uniformidade litúrgica tivesse aparecido desnecessariamente distributiva e ser uma questão de menos que primária importância, dada a expectativa da breve volta de Cristo. Talvez, também, tenha sido o caso de que a própria ênfase sobre os ensinos do sábado possa ter tornado a verdadeira prática litúrgica menos importante do que a ocasião para a prática. Pode ser que em comum com muitos outros grupos de "igrejas livres", os principais interesses fossem a doutrina e a exegese, que são em si mesmas, a marca de um novo público letrado, capaz de debater esses assuntos. Em face desses interesses, a liturgia, os estilos devocionais e de embelezamento das igrejas, e a prática da igreja eram de menos importância direta. Pode isso ter permitido o estabelecimento de estilos um tanto "mais elevados" em alguns lugares, que podem ter refletido a mobilidade social para cima e crescente posição dos adventistas. Dá-se também o caso de que, com a diminuição do interesse nas doutrinas (visto outros interesses terem mobilizado a capacidade do homem para as letras), tem aumentado a atenção para o culto, levando geralmente a formas mais elaboradas. Onde cresce o interesse pela liturgia, pode-se ter a certeza de que se expressará no desenvolvimento e aprimoramento das práticas litúrgicas. Se é que houve um enriquecimento da vida da igreja pelo desenvolvimento da liturgia, certamente pode este também indicar alguma diminuição na insistência das esperanças do advento. Outros elementos do adventismo também têm tido a oportuni-

dade de crescer desde os desapontamentos da década de 1840, e isso se pode dizer que ocorreu em aproximações para com o regime dietético e o evangelismo.

"O denominacionalismo implica um complexo de característicos, que incluem crescente tolerância para com os outros movimentos, atenuação dos compromissos distintivos e diminuída ênfase sobre os limites".

Parece-me que certos fatores na tradição adventista do sétimo dia mostram a semelhança com um processo de denominação. Nesse sentido é importante a existência de um ministério profissional. Os ministros estão sujeitos a tomar como um importante grupo de referência para as suas próprias realizações os ministérios já existentes de outros movimentos. Portanto, o ministério pode desenvolver interesses importantes para suas próprias funções. Estão estes especialmente relacionados com o preparo em que é provável haver o desejo de igualdade intelectual com o ministério de outros movimentos. Esses interesses diferem do dos leigos, e o ministério está frequentemente na posição de cultivar seus interesses e de salientar a necessidade deles em todo o movimento. Também é provável que, mais tarde, os jovens mais seriamente comprometidos pensem muito se não se deviam tornar ministros. Isso se torna em si mesmo um recrutamento dos que se sentem mais sujeitos a se ajustarem a uma vida de maior virtuosidade religiosa. Oportunidades de diferença chegam a haver para os que têm diferentes disposições para com sua fé comum.

A existência de um ministério por longo período de tempo, também pode promover certo interesse na pesquisa e o desejo de saber o que os outros professos religiosos, os intelectuais da religião (os teólogos) estão dizendo. Isso leva a exigir teólogos do próprio movimento, tanto para dar ao movimento os tipos de apoio escolástico de que gozam os outros movimentos, como para exigir respeito, segundo o mesmo critério. Tal processo não é meramente um desenvolvimento de novos interesses. É capaz de levar a crescente relatividade nas crenças religiosas. Entrar num mundo de discursos com os observadores de fora é começar a partilhar as premissas daquele discurso, a aceitar estruturas para argumento e discussão que pertencem à tradição teológica e não à tradição adventista do sétimo dia. Esse processo é capaz de levar à reavaliação dos próprios ensinos, história, suposições e interpretação própria. A existência de universidades dentro do movimento é um comentário sobre os processos do desenvolvimento da seita. O próprio fato de que a um observador de fora que pouco sabe sobre o adventismo do sétimo dia se peça para falar acerca do movimento do ponto de vista externo é indício de um tipo de orientação liberal que não é característica

(Continua na p. 17)



Cortesia no Lar

H. M. TIPPETT

Uma nevasca irrompeu com violência sobre a plataforma glacial de Ross Barrier. A temperatura baixou para 70 abaixo de zero, e a noite encheu-se com a fúria da tempestade antártica. Mas no interior da cabana, na Pequena América, enterrada sob o gelo para proteção, os rufos da tempestade chegavam apenas debilmente. A umidade e o frio cortante se infiltravam enquanto o Almirante Byrd, violentamente acometido de intoxicação pelo monóxido de carbono, procurava em vão consertar seu fogão defeituoso.

Finalmente, ele caiu exausto sobre a sua cama de lona, ao perceber que o fogão estava perdendo a disputa com o frio de arrepiar. Defrontando com a morte em seu solitário posto avançado, a mente do grande explorador entreteve pensamentos do lar. A ansiedade por sua família, caso ele morresse, realçou vividamente todas as preciosas e agradáveis relações que o lar significava para ele. Byrd relatou-as em seu diário.

Sua conclusão foi que nenhum êxito, realização ou fama poderia ser talvez tão importante como a felicidade no círculo doméstico. E felicidade neste sentido tinha para ele significado de harmonia. Enalteceu as singelas e despreziosas virtudes do amor, da cortesia e do respeito mútuo como os mais preciosos valores na vida. Se lhe houvesse faltado esse arrimo no lar — o afeto e a compreensão de sua família — nenhuma outra coisa o poderia ter substi-

tuído. Com esses pensamentos lutando por expressar-se, o Almirante Byrd fez outro supremo esforço para reparar o seu fogão, e salvou a vida.

Uma coisa pertinente escrita por ele é muito estimulante. Insinuou que as oportunidades para promover a harmonia familiar são inumeráveis. Isso significa que a paz e a alegria da família podem constituir um repto criativo ao qual todo membro pode prestar sua contribuição singular.

Em outras palavras, a felicidade no círculo familiar não é obtida por meio de fórmulas. Um beijo terno e significativo por semana pode ter mais valor para uma esposa do que uma bicota respeitosa na face, de manhã e ao entardecer, quando o marido vai para o trabalho e volta para casa. O amor e o apreço familiar sem dúvida requerem que sejam lembrados os aniversários e outras datas especiais, mas como uma filha se deleita quando o pai lhe traz um presente da loja sem qualquer outra razão a não ser porque a ama! Os filhos de certa família recordavam-se do altruísmo de sua mãe pelo fato de que ela sempre ficava sem a sobremesa quando esta não era suficiente para todos.

Pequenos atos de bondade, pequenas gentilezas, pequenas atenções, praticados habitualmente no intercâmbio social do círculo familiar, conferem maior encanto ao caráter do que a exibição de grandes talentos e grandes cortesias aos que estão fora desse círculo. A relação doméstica ideal vai além das rotineiras expressões: "Muito obrigado", "Com licença" ou "Por favor". Significa procurar oportunidades para mostrar amor e apreço, de maneira objetiva, pela cordialidade e companheirismo do círculo familiar. Isto dá ensejo ao planejamento individual de pequenas surpresas que deleitam o coração. Os encômios feitos em casa são os mais apreciados.

Disciplina? Sim. É digno de lástima o lar sem restrições, ou o casal cujas diferenças de opinião resultam em debate. A resposta branda ainda desvia o furor. Respeitem os filhos a sabedoria de seus pais, e sejam os pais bondosamente tolerantes para com as idéias de seus filhos. A censura no lar é inconcebível como privilégio e indesculpável sob o pretexto do dever. "Vinde, pois, e arrazoemos" (Isa. 1:18) é o método bíblico de resolver dissensões, e não por meio de disputas e contendas.

Cortesia, apazibilidade e harmonia familiar são plantas delicadas que requerem cultivo diário por meio de oração e prática. devemos dar ênfase a deveres assumidos prazerosamente, e não a direitos exigidos. Pois, como sabeis, o lar deve ser um lugar onde são partilhados todos os privilégios, e nada precisa ser merecido. ■

(Continuação da p. 15)

à de seitas, senão de um processo muito longo de desenvolvimento. A influência de especialistas internos pode produzir relacionamentos ambivalentes entre diferentes seções e dentro do movimento: entre tradicionalistas e liberais, entre intelectuais e homens de fé simples, entre organizadores e pensadores. Contudo, também há um sentido no qual a existência de um corpo de especialistas ministeriais deve encorajar o desenvolvimento de outros grupos de profissionais, seja dos próprios ministros, seja na forma de novos quadros de recrutas especiais.

Um movimento com tantos lados como a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem bastante lugar para a especialização em vários departamentos e urgente necessidade disso, principalmente em Educação e na Medicina (cada uma das quais se subdivide cada vez mais em ramos internos de especialização de si mesmo). O desenvolvimento dessas áreas de especialização não pode deixar de criar reclamos de coordenação, administração e organização em vários níveis, para que os cargos burocráticos também cresçam em número e influência. Devido à situação contemporânea e do mundo, especialmente nas missões e na educação, bem como na Medicina, a tendência que se pode ver é para o aumento de ações centralizadas em atividades locais. Métodos de escalonamento são realizados cada vez mais em muitos departamentos da atividade humana; cresce o número de subdivisões técnicas e também a necessidade de coordenação interna deles uns com os outros. Há cada vez maior dependência de equipamento elaborado e dispendioso (em hospitais, laboratórios de pesquisas, departamentos de computação, etc.) e a considerável semelhança de crescimento na agência central, com outras subdivisões de coordenação hierárquica. Visto aumentar o controle técnico e o planejamento nacional é provável haver um deslocamento do que é estritamente moral, e talvez do teológico, pela demanda de novos métodos de organização. O aumento da especialização é em si mesmo algo que se pode ver dentro das organizações da igreja. É em si um aspecto das grandes denominações e de muitas maneiras estão os adventistas equipados para continuarem a desenvolver-se nessa direção, rumo a normas denominacionais de organização, especialização e controle internacionais cada vez maiores.

(Não ignoro o fato de que, apesar das tendências nesse sentido no mundo mais amplo, o movimento mantém o que a muitos respeitos é para o observador de fora interessante equilíbrio como "economia mista", em que tanto há empreendimentos oficiais como particulares, como, por exemplo, casas de saúde, obra de publicação e a produção de alimentos saudáveis).

O denominacionalismo implica um complexo de características, inclusive crescente tolerância de outros movimentos, a atenuação de compromissos distintivos, reduzida ênfase sobre os limites e os esquemas que mantêm esses limites. Também, a denominação se acomoda, em grande medida, à cultura secular e aceita suas provisões. Há uma concessão nas obrigações morais num ponto, em qualquer lugar, entre as normas oficiais e ideais da sociedade e as práticas comuns de outras pessoas. Também há gradual aumento de confiança nos meios seculares e políticos de controle, em vez de no controle interno do grupo. A disposição de cooperar mediante o transpor os limites de grupo numa variedade de causas especiais, mesmo correndo o risco de "perder" para essas mesmas causas os membros que estão principalmente preocupados com esses setores, é uma característica do denominacionalismo. É claro que, nesses termos, os Adventistas do Sétimo Dia ainda têm algum caminho a andar antes de serem denominacionalizados. Naturalmente, há várias e importantes barreiras que lhes têm impedido o "progresso" quanto a alcançar esse alvo.

Raramente precisam os mecanismos inibidores serem mencionados, visto serem eles mais conhecidos pelos leitores adventistas do que por mim. O primeiro deles é o ensino do sábado, que, talvez, mais do que qualquer outro item, tem sido um dos meios de conservar os adventistas separados e diferentes. Talvez mais do que qualquer outra coisa este período de tempo é muito pouco compreendido pelos que não são do movimento. Este é, acima de tudo, um sinal de identidade, e esse sinal deve funcionar como um emblema distintivo e sectário que mantém os limites, reafirmando, embora esse ponto não seja agora salientado, a idéia de uma elite.

É também evidente que a aceitação de inspiração especial do movimento em sua origem deve, também, ser um ponto de divisão entre os Adventistas do Sétimo Dia e os outros movimentos, e para eles deve parecer como um traço distintivo sectário. Enquanto os outros movimentos conservarem os Adventistas do Sétimo Dia à distância, o processo de denominacionalização está sujeito a ser impedido, tanto devido à impropriedade dos modelos de outras denominações sobre o cristianismo, como às próprias prováveis reações dos Adventistas do Sétimo Dia para impor separatismos.

A posição do movimento quanto ao regime alimentar também é um ponto poderoso para manter os limites, e certamente tem sido uma força cumulativa, desde as prescrições do Velho Testamento, até sua extensão pelas prescrições ulteriores da Sra. White. A prática Adventista nessas questões, reforça, assim, suas crenças distintivas levando-as a consolidar e tornar evidente no estilo de vida atual, bem como em importante

forma simbólica, seu afastamento do mundo mais amplo.

Até certo ponto, a segregação e a concentração voluntárias dos adventistas em regiões particulares, pelo menos nos Estados Unidos, certamente têm sido um poderoso meio para maior consolidação do isolamento da comunidade maior. As seitas são, em sua origem, comunidades, e, apesar de seu tamanho, têm os adventistas conseguido manter muitos dos aspectos de comunidade diante da crescente sociedade impessoal. Certamente, tais desenvolvimentos acentuam o controle social do grupo, reforçam o valor do grupo, e mantêm a distinção entre os ideais da comunidade e a prática dos homens na sociedade maior. O desenvolvimento da média do povo tem alterado um tanto a possibilidade de segregação geográfica em comunidades independentes, e a simultânea distribuição de novas idéias, valores, estilos e modas que estão bem longe do controle do movimento pode ter seu poderoso efeito acomodativo. As perspectivas da vida da comunidade e da separação sectária estão muito alteradas no mundo desde a Segunda Guerra Mundial.

Para o observador de fora, há certos aspectos de distinção no movimento que devem ser mencionados. Em primeiro lugar, há o equilíbrio da autonomia local e da ordem hierárquica. Naturalmente, os Adventistas são orgulhosos da estrutura que desenvolveram, e não há dúvida quanto ao equilíbrio fora do comum entre o centro e a periferia, através dos escalões de considerável independência regional que se interpõem. Talvez seja esta diversidade de níveis de controle que leva a mais ampla diversidade no movimento do que a que é comum nos movimentos sectários: uma diversidade na liturgia e na exclusividade de abertura ou dimensões ecumênico-separatistas da vida e da prática adventista.

Para o observador de fora, as tensões que conduzem a movimentos religiosos separatistas têm de ocorrer na medida em que se abre para um mundo mais amplo. O evangelismo não permite que os adventistas se desviem da sociedade mais vasta; e todavia, o evangelismo, também, apresenta os seus próprios problemas para a persistência de valores comunitários e da moralidade que se aprende nas relações do dia-a-dia da comunidade local. Como o relacionamento social transcende o nível comunal, como o faz agora tão depressa, mesmo na vida da criança, assim o cometimento moral dos grupos separados pode ser mais difícil de sustentar, uma vez que seus preceitos morais tenham sido esquecidos com as relações do cotidiano em mente. No mundo moderno, isto me parece, a mim, é mais difícil do que nunca, estar no mundo mas não ser do mundo. Mas os adventistas do sétimo dia, parece-me, estão a travar de contínuo esta batalha — e não sem sucesso. ■■

«Novo Evangelismo» Recente e o Colégio do Rio da Prata

Lemos freqüentemente a respeito de “novo” evangelismo, e damos graças a Deus pelo envolvimento de nossos jovens em novas tentativas de aproximação por parte da mocidade. Os jovens da América do Sul não estão atrasados no desenvolvimento de novos métodos de conquista de almas. Eles encetaram recentemente um extraordinário programa de evangelismo jovem que está produzindo abundante resultado.

Enquanto estávamos em licença, perto do fim de 1972, um jovem, Aecio Cairus, meu ex-aluno, elaborou os regulamentos de uma nova organização de estudantes, que ele chamou de “Missão Estudantil do Prata”. Essa missão foi planejada por analogia com uma associação local, para dar aos alunos o privilégio de labutarem juntos num ambiente em que pudessem aprender estruturas e relações denominacionais por experiência, ampliando também suas possibilidades no evangelismo público e pessoal.

Durante os anos que antecederam a formação da MEP, tanto os professores como os alunos tinham ficado descontentes com a falta de um programa suficientemente integrado para aplicar à experiência pessoal dos alunos do colégio a teoria que estavam aprendendo na sala de aula. Ao estudarem os professores e alunos as idéias para equilibrar o trabalho missionário e evangelístico com o estudo, quatro pontos sobressaíram nas páginas 64 e 65 do livro *Serviço Cristão*. Deve-se *conceder tempo* para fazer trabalho missionário como parte do seu preparo. Isto abrange obviamente todas as disciplinas.

“Para sua completa educação é necessário que se dê aos alunos tempo para fazer trabalho missionário — tempo para se relacionarem com as necessidades espirituais das famílias da vizinhança. Não devem ficar tão sobrecarregados de estudos, que não

tenham tempo de empregar o conhecimento adquirido”. — *Serviço Cristão*, p. 64.

O Colégio do Rio da Prata há muito é conhecido por seu ambiente muito intelectual e erudito. Não havia o menor desejo de diminuir isso, mas era evidente que os alunos tinham bem pouco tempo programado para outras coisas além do estudo, e, também, estando ele situado a grande distância de importantes centros populacionais, não havia uma estrutura adequada para incentivar os alunos a empreenderem alguma aplicação sistemática do “conhecimento adquirido”.

O segundo ponto elucidado era que os alunos “devem fazer trabalho missionário nas vilas e povoações vizinhas”. “Sempre que for possível, os alunos devem, durante o ano escolar, tomar parte em obra missionária na cidade”. — *Serviço Cristão*, p. 65.

Dois outros princípios sobressaem na frase: “Devem organizar-se em grupos para efetuar obra de auxílio cristão”. — *Ibidem*.

O primeiro desses dois princípios é exposto em numerosos lugares nos escritos do Espírito de Profecia. *A idéia de formar pequenos grupos para serviço cristão foi recomendada por “Um que não pode errar”*. — *Idem*, p. 72.

O segundo princípio nesta frase declara especificamente quem deve organizar os jovens nesses pequenos grupos. ELES MESMOS devem ter este privilégio e responsabilidade.

O conceito da MEP parecia corresponder exatamente a esses quatro princípios, e os alunos do Colégio do Rio da Prata foram incentivados a organizar-se de acordo com as normas apresentadas pelo irmão Cairus.*

Em abril de 1973, enquanto ainda estávamos em licença, fazendo um curso de aperfeiçoamento na Universidade Andrews, o corpo discente do colégio estudou as idéias apresentadas pelo irmão Cairus e votou constituir-se na “Missão Estudantil”. A associação local apoiou a organização com uma verba especial e designou-lhe um território abrangendo três igrejas e um grande número de cidades e vilas em que nunca dantes penetrara a mensagem do advento.

O colégio e a igreja local também apoiaram a “Missão Estudantil” concedendo-lhe auxílio financeiro. Os alunos viram a necessidade de ajudar a “Missão” com seu próprio dinheiro, que no segundo ano representava mais de um terço do orçamento operativo da “Missão”. No último ano os alunos angariaram na íntegra a metade dos fundos necessários. Os membros da igreja do colégio comprometeram-se a utilizar seus carros nos fins de semana para trans-

portar os "obreiros da Missão" a seus campos de trabalho.

Os alunos elegeram os oficiais característicos de que se compõe uma associação denominacional: presidente, secretário, tesoureiro e secretários departamentais, e começaram a formar "pequenos grupos" para trabalharem nas igrejas designadas e para darem início à obra nalgumas das cidades e vilas ainda não penetradas. No fim do ano a "Missão" preparara 31 pessoas para o batismo. Em 1974 os alunos prepararam 46 pessoas para o batismo e no fim do último ano letivo quase tinha sido alcançado o alvo de 70 batismos. No fim de 1976 eles talvez tenham superado o número de 200 batismos para esse ano.

À medida que a "Missão" se tem aperfeiçoado, a associação local tem-lhe confiado cada vez maiores responsabilidades. Atualmente o território da "Missão" se estende a um raio de 160 km ao redor do colégio, com seis igrejas. Os alunos fundaram além disso cerca de 20 grupos nos quais, sábado após sábado, se reúnem centenas de pessoas para prestar culto e para estudar a Palavra de Deus.

As experiências que os alunos têm tido são realmente sensacionais, ao labutarem juntos em seu próprio programa de trabalho pastoral e evangelístico. Numa cidade a uns 80 km do colégio não tínhamos nenhuma atividade até o fim da semana santa de 1975. Um grupo foi escolhido pela "Mesa Administrativa da Missão" para realizar uma série de reuniões nesse fim

A idéia de formar pequenos grupos para serviço cristão foi recomendada por "Um que não pode errar".

de semana, na cidade de Hernández. Quando assisti à penúltima reunião da série para ver como iam as coisas, verifiquei que nossos jovens realizavam as reuniões num edifício dividido em dois aposentos por um tabique de uns dois metros de altura. Do outro lado, competindo com nossos jovens, havia um salão e mesas de bilhar, um bar e a música arrebatada e ardente que acompanha tal espécie de ambiente. Do "nosso lado" do tabique havia, porém, cerca de 50 pessoas se esforçando por ouvir a mensagem do evangelho acima da algazarra de vozes altas e gargalhadas provenientes do outro lado.

Quando lhe foi perguntado por que escolhera semelhante local para as reuniões, Rigoberto Yefilaf, dirigente do grupo, respondeu: "Não havia outra coisa, Pastor!" Com a diligência dos jovens e a especial intervenção da Providência, temos hoje — um ano depois — uma atraente capela nessa cidadezinha, completamente paga, com uma assistência de cerca de 50 pessoas que fielmente prestam culto cada sábado.

As histórias que poderiam ser contadas encheriam um livro comovedor acerca da providência divina e da dedicação dos jovens. Há talvez, três coisas que mais me impressionaram a respeito da experiência que estamos atravessando.

Antes de mais nada, nos dez anos em que temos lecionado na Faculdade de Teologia do Colégio do Rio da Prata, nunca vimos um grupo de estudantes tão dedicado, consagrado e unido. Antes de ser organi-



zada a "Missão", estávamos pesados devido à distância entre os estudantes de teologia e os das outras disciplinas educacionais. Hoje isto desapareceu completamente.

O fervor espiritual entre os alunos é notável. Não é uma excitação doentia, mas uma tranqüila salubridade diária que tem influenciado a vida prática em todos os aspectos. A consagração desses jovens de todas as disciplinas educacionais, no cristianismo prático, é um exemplo para todos nós, pastores, professores e leigos. Todos estão concordes em que um dos fatores dessa vitalidade espiritual é a "Missão Estudantil do Prata".

Finalmente, a melhoria na eficácia da obra evangelística tem sido extraordinária. Sempre temos enviado tantos de nossos alunos quantos é possível para ajudar nas campanhas evangelísticas dirigidas por evangelistas da associação, em seu território. No entanto, até há pouco tempo o "campo" não estava muito desejoso de recebê-los. Em anos anteriores, os alunos tinham preparado em média duas a cinco pessoas para o batismo nas campanhas em que labutaram. Em 1974 só pudemos colocar três alunos. Estes jovens tinham tido a experiência de trabalhar na "Missão Estudantil" e fizeram consideravelmente melhor do que o termo médio antes deles. Talvez em parte devido a isso, este último ano fomos capazes de colocar doze. Quatro numa campanha, sete noutra e um numa outra ainda. Embora fossem bastante jovens — alunos do segundo ano — cada um deles preparou em média mais de vinte pessoas. Sua média em conjunto, nas três campanhas, foi maior do que a média dos pastores ordenados de tempo integral.

A primeira medida que o colégio tomou para tornar seu programa mais prático foi chamar um dos melhores evangelistas que temos na União Austral para lecionar no setor de Teologia Aplicada. O programa do Pastor Daniel Belvedere é delineado de tal maneira que ele dirige os alunos uma vez ao ano numa campanha evangelística em larga escala. Então o plano é formar equipes evangelísticas em volta de três ou quatro jovens que demonstram o maior interesse e aptidão no evangelismo. O Pastor Belvedere instrui essas equipes, fornece-lhes sermões e material, e as auxilia ao empreenderem suas próprias campanhas.

Concluimos recentemente nossa primeira campanha evangelística em ampla escala baseada nesse conceito, e ficamos emocionados ao ver o que Deus tem feito por meio desses jovens. Embora o Pastor Belvedere não pudesse dirigir pessoalmente essa primeira campanha, ele instruiu a equipe de jovens escolhidos para levá-la avante. Para esta

As experiências que os alunos têm tido são realmente sensacionais, ao labutarem juntos em seu próprio programa de trabalho pastoral e evangelístico.

primeira experiência, a "Mesa Administrativa da Missão Estudantil" escolheu como evangelista a um jovem que leciona há pouco tempo no colégio. Quatro alunos foram escolhidos como seus assistentes. Dois colportores-estudantes precederam a equipe na cidade de Villaguay, de aproximadamente 20.000 habitantes, a fim de preparar o terreno. Dois componentes da equipe original prontificaram-se a trabalhar de graça, com exceção de quarto e comida. Os outros dois, por motivos financeiros, não puderam fazer isto. A "Missão" avançou pela fé e encontrou amigos na Argentina e nos Estados Unidos que estão ajudando a cobrir as despesas escolares desses jovens no presente ano letivo.

Quando a "Mesa Administrativa da Missão Estudantil" examinou Villaguay, calculamos que poderíamos esperar uma assistência de duzentas a trezentas pessoas por noite, em média. Julgamos que o calor e o trabalho do verão restringiriam a assistência. No entanto, a estação de rádio local começou a solicitar entrevistas dos jovens que estavam preparando a campanha. O diretor do programa de rádio insistiu que René Quispe, o jovem escolhido como evangelista, iniciasse um mês antes das reuniões um programa religioso diário, de cinco minutos de duração, numa hora especial. Em virtude do apoio local, quando as reuniões começaram, no dia 10 de janeiro, havia mais pessoas em pé (300) do que sentadas (250). Fomos obrigados a realizar uma segunda reunião para acomodar todas as pessoas! Foi necessário continuar com essas duas reuniões enquanto durou a série de conferências.

Visto que tínhamos tantas pessoas pedindo estudos bíblicos que não podíamos atender a todas elas, o difícil problema com que deparava a "Missão" era: "Quem podemos conseguir para ajudar a atender a esses interessados?" O elevado índice inflacionário (75% entre março de 1975 e março de 1976) e as humides condições da maioria dos estudantes tornaram necessário que todos que podiam fazê-lo se encontrassem fora, colportando, a fim de ganhar estípidios para o presente ano letivo. Como podíamos esperar obter a ajuda de que necessitávamos?

Justo quando estávamos sem esperança de encontrar alguém, o Senhor começou a operar. Vítor Osório, um estudante casado que tinha três filhos e que trabalhava perto do colégio devido a suas responsabilidades como secretário do departamento ministerial da "Missão Estudantil", expressou-se com franqueza. Estávamos numa reunião da "Mesa Administrativa da Missão", procurando descobrir uma solução para o problema que enfrentávamos. "Não sei de



onde virá o dinheiro para meus estudos — disse ele — mas tenho a impressão de que devo ir ajudá-los, se isto estiver de acordo com o pensamento desta comissão. Certamente o Senhor proverá”.

No dia seguinte outro jovem chegou inesperadamente ao colégio, e ofereceu seus serviços. Uns três ou quatro dias depois chegou um outro jovem, e ele também aceitou o desafio da fé, de trabalhar para o Mestre, confiando que Ele supriria todas as suas necessidades.

Contudo, ainda havia mais pessoas pedindo estudos do que instrutores bíblicos disponíveis para atendê-las. Então Luís Gaite, que cuidava da tenda, enviou um S. O. S. a sua jovem esposa. Quando ela chegou, Luís partiu a fim de transmitir as palavras da vida aos famintos e sedentos, enquanto sua esposa passou a cuidar de nossa tenda.

Quando a “Missão Estudantil” iniciou seu trabalho nessa cidade de Villaguay, tínhamos ali apenas um pequeno número de membros divididos e desanimados que se reuniam numa igreja um tanto desmantelada e sem pintura, mas belamente projetada e solidamente construída, com capacidade para 80 a 100 pessoas sentadas. O problema era que havia apenas cerca de 35 cadeiras cambaleantes e com pernas quebradas.

Atualmente, essa igreja não está cheia, e, sim, superlotada! Foram batizadas nessa região 97 pessoas, e os 15 a 20 membros fiéis do ano passado aumentaram para cerca de 120 leais irmãos e irmãs, que não somente freqüentam a igreja, mas também se empenham ativamente em terminar a obra nessa parte do mundo.

Todo fim de semana os alunos regressam trazendo relatos de novos interessados e das maravilhosas obras de Deus. Esta semana, uma das moças que labutavam ali voltou com o impressionante relato de que saíra de um estudo bíblico tão emocionada com a decisão tomada por uma de suas alunas, que colidiu distraidamente com uma senhora que andava na rua. A colisão foi tão forte que ambas tiveram de parar. Então a outra senhora perguntou para Mônica:

—Que você tem na mão?

— Uma Bíblia — respondeu a moça.

A senhora quis saber então se era uma Bíblia católica ou das Testemunhas de Jeová. Quando Mônica lhe disse que não era nem uma nem outra, mas uma Bíblia publicada pela Sociedade Bíblica Internacional, disse a senhora:

— Oh! como eu gostaria de estudar a Bíblia! Poderia instruir-me?

No domingo à tarde ela recebeu seu primeiro estudo bíblico!

Para estabelecer o aspecto evangelístico da "Missão Estudantil" sobre uma sólida base, precisamos ter nosso próprio equipamento evangelístico. No dia 22 de janeiro de 1976, pela graça de Deus, o sacrifício e a energia dos componentes da "Missão" e a generosidade dos amigos, conseguimos assinar um contrato para a aquisição de um auditório móvel. A oferta MV para 1976, da União Austral, foi dedicada para ajudar os jovens do Colégio do Rio da Prata a equipar essa tenda.

O segundo aspecto do programa que estamos promovendo aqui no colégio diz respeito ao preparo dos jovens para mobilizar as forças leigas de nossas igrejas. Numa época em que os leigos estão melhor equipados do que jamais no passado, e em que os homens desejam reavaliar os métodos atuais e estudar por que a igreja primitiva foi tão eficiente em expandir-se até os confins do mundo em tão pouco

tempo, procuramos desafiar nossos jovens a serem mais do que "pregadores", tornando-se educadores que inspirem todo membro da congregação local a descobrir o "dom" que Deus prometeu a cada um de Seus filhos regenerados e a empregá-lo para Sua glória. Os secretários departamentais da União Austral e a associação local participam ativamente nesse processo preparatório, ajudando nossos estudantes a serem mais eficientes em adestrar nossas forças leigas e em transformar os recém-batizados em eficientes "ministros" (Efés. 4:12), para que seja concluída a obra e o Senhor possa vir resgatar-nos deste mundo enfadonho.

Que sucederia com nossos jovens em outras partes do mundo se algo semelhante a isso fosse adaptado a nossos centros educacionais, ou às cidades em que temos jovens suficientes para trabalharem juntos em suas próprias "Missões"?

Se nossa experiência aqui no Colégio do Rio da Prata tem alguma rekação com o que pode ser esperado em outras partes do mundo, a resposta teria de ser: **HAVERIA UMA VERDADEIRA REVOLUÇÃO!** Logo possuiríamos aquele "exército de jovens devidamente preparados" que iria avante para terminar a obra. Um exército com bandeiras, entoando o cântico da vitória! Levando o evangelho a novas regiões! Promovendo um evangelismo cada vez mais novo e recente!

* Aécio Cairus atualmente está estudando na Universidade Andrews, e pretende regressar ao Colégio do Rio da Prata, onde leciona Línguas Bíblicas e Teologia. Na elaboração dos regulamentos da "Missão Estudantil", ele sentiu-se devedor pela idéia geral ao nosso Colégio do Peru, à antiga organização estudantil do Colégio do Rio da Prata e aos regulamentos da associação local.



Notas Breves

Alvos de Batismos 1977

A Divisão, em consulta com as Uniões, sugere os seguintes alvos de batismos para 1977:

União Austral	4.000
União Chilena	3.300
União Este-Brasileira	8.400
União Incaica	10.700
União Norte-Brasileira	4.100

União Sul-Brasileira 11.500

DIVISÃO 42.000

Sistema de Arquivo de Diapositivos

A Associação Ministerial da DSA tem estado distribuindo o folheto-guia para arquivar em forma ordenada os diapositivos para evangelismo.

Se não obteve ainda seu exemplar, escreva-nos, e o enviaremos gratuitamente pelo correio.

O PASTOR

Os Dez Mandamentos do Obreiro

1. Não terás outros desejos além de esperar a Cristo e apressar Sua vinda.

2. Não farás para ti imagem do mundo, nem adorarás os falsos deuses das riquezas ou da aparência.

3. Não tomarás o nome de tuas responsabilidades em vão, mas trabalharás diligentemente para aumentar tua contribuição ao avanço do evangelho.

4. Lembra-te de examinar com freqüência os ensinamentos das Escrituras Sagradas: o sábado, a segunda vinda de Cristo, o dízimo, a educação cristã, a vida salutar, o dom de profecia, etc., a fim de que possas ensinar de maneira convincente, por preceito e exemplo.

5. Honra a teus companheiros dirigentes e procura com freqüência seu conselho, para que possas desempenhar o teu trabalho com eficácia e desenvolver um saudável sentimento de companheirismo.

6. Não matarás a iniciativa de teus colegas que desejem pôr em prática novos métodos para ganhar almas, mas os apoiarás a fim de que cada um deles tome parte em alguma atividade dedicada a sua conquista.

7. Não prostituirás teu trabalho introduzindo métodos mundanos ou rebaixando as normas cristãs relacionadas com o vestuário, a alimentação, as diversões ou coisas semelhantes.

8. Não furtarás o êxito dos planos que outros promoveram ou realizaram na igreja ou no trabalho, alegando que foram teus.

9. Não tomarás parte em murmurações e comentários negativos relacionados com teus companheiros que dirigem (por mais que sejam verdadeiros), nem trairás a confiança que qualquer deles tenha depositado em ti.

10. Não cobiçarás a posição de outro colega para ti ou para teu amigo. Desempenha bem teu trabalho ajudando aos outros dirigentes sempre que te seja possível.